Impasse sobre verbas abre discussões

Marcada por debates iniciais sobre recursos financeiros e um chamado da ONU à responsabilidade, começou ontem a COP31. O encontro acontece após um ano devastado por eventos climáticos extremos intensificados pelo El Niño

» RAFAELA LEITE*

A 31ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP31) começou ontem, em Antália, na Turquia, com o desafio de avançar nas negociações sobre financiamento climático, adaptação e transição energética. Em meio a temperaturas globais próximas de níveis recordes, representantes de 194 países participam do encontro, que segue até 20 de novembro e marca a transferência da presidência brasileira da COP30, realizada em Belém (PA), para a Turquia, que dividirá a condução dos trabalhos com a Austrália.

Na abertura da COP31, o presidente da conferência e ministro do Meio Ambiente, Urbanização e Mudança do Clima turco, Murat Kurum destacou que guerras, tensões geopolíticas, insegurança energética e alimentar, endividamento, pressões no custo de vida e eventos climáticos extremos (como o El Niño recorde e o aquecimento acelerado do planeta) estão interligados e se potencializam mutuamente.

Em seu discurso, Karum disse que conflitos, endividamento, pressões sobre o custo de vida e eventos climáticos extremos afetam não apenas as populações mais vulneráveis, mas também a produção de alimento: "Cada crise agrava as demais. E a fragilidade econômica afeta a capacidade das sociedades de resistir a choques"

> **Cada crise agrava as demais. E a fragilidade econômica afeta a capacidade das sociedades de resistir a choques"**
>
> ***Murat Kurum,*** *presidente da conferência e ministro do Meio Ambiente, Urbanização e Mudança do Clima turco*

Além da insegurança energética e alimentar, está entre os principais desafios da conferência, o financiamento climático permanece como um dos pontos mais sensíveis das negociações. Países em desenvolvimento cobram garantias de que as nações mais ricas cumprirão os compromissos de apoio financeiro, sobretudo para ações de adaptação aos efeitos do aquecimento global e recuperação de áreas atingidas por desastres.

A inclusão do tema na agenda provocou divergências entre as delegações. Propostas apresentadas pelo grupo africano receberam apoio de países em desenvolvimento, mas enfrentaram resistência da União Europeia e do Canadá. O impasse evidencia a dificuldade de ampliar os recursos destinados às nações mais vulneráveis, que sofrem os efeitos mais severos da crise climática, embora tenham contribuído menos para as emissões históricas.

As discussões também envolvem a definição de indicadores para a meta global de adaptação, os mecanismos de transição justa e o programa de trabalho sobre mitigação. Os países buscam estabelecer caminhos para cumprir os compromissos internacionais de financiamento de US$ 300 bilhões e US$ 1,3 trilhão, além de ampliar os investimentos em ações climáticas.

Sob aplausos

Integrante da delegação brasileira, a ex-ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima Marina Silva foi recebida com aplausos e ovacionada na abertura do primeiro dia da conferência. Marina, que teve sua trajetória ambiental reconhecida em meio à transição de comando após a COP30 em Belém, voltou a defender o protagonismo do Brasil nas discussões ambientais. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deve chegar à Antália na madrugada de hoje, acompanhado de ministros e parlamentares. Nos dias 10 e 11, participará da Cúpula de Líderes, de uma reunião sobre o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF, na sigla em inglês) e de um encontro com representantes da sociedade civil brasileira e internacional.

A programação inclui, ainda, uma reunião bilateral com o presidente turco, Recep Tayyip Erdoan, para discutir possibilidades de cooperação técnica e os conflitos geopolíticos recentes, que também repercutem sobre a segurança energética global. A mudança de comando da conferência foi oficializada pelo embaixador André Aranha Corrêa do Lago, que presidiu a COP30, ao ministro turco do Meio Ambiente, Murat Kurum. Pelo novo modelo de gestão, a Turquia assume a presidência oficial e a Agenda de Ação, enquanto a Austrália, representada pelo ministro Chris Bowen, ficará responsável pela condução das negociações formais entre os países.

Ozan kose/ AFP



Murat Kurum, presidente da COP31 e ministro do Meio Ambiente, Urbanização e Mudanças Climáticas da Turquia, abre o evento

Ozan Kose/AFP



Andre Corea do Lago (C, em cima), presidente da COP30, e Ana Toni, CEO da COP30 (D, em cima), na entrega do prêmio Fossil of the Day durante a Conferência do Clima COP31 na Antália

A atuação brasileira recebeu reconhecimento já no primeiro dia da conferência. O país foi contemplado com o prêmio Raio do Dia, concedido pela Climate Action Network International (CAN), rede que reúne mais de mil organizações não governamentais. A premiação destacou a apresentação dos Mapas do Caminho para combater o desmatamento e promover o abandono dos combustíveis fósseis, classificando a iniciativa como um "bem-vindo raio de sol proveniente do Brasil".

Reconhecimento

Também nesta segunda-feira, a Noruega anunciou um novo aporte de R$ 350 milhões para o Fundo Amazônia. A ministra do Clima e Meio Ambiente do país, Sigrun Aasland, afirmou que o repasse reconhece os resultados brasileiros no combate ao desmatamento. Dados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento da Floresta Amazônica Brasileira por Satélite (Prodes) mostram que, entre agosto de 2025 e julho de 2026, a área desmatada na Amazônia caiu para 3.335 km², o menor índice em 38 anos. No Cerrado, a perda de vegetação foi de 5.516 km², o menor registro em 25 anos.

O reconhecimento às iniciativas brasileiras ocorre em meio ao agravamento dos indicadores climáticos globais. Na abertura da COP31, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) alertou que 2026 está entre os quatro anos mais quentes já registrados. Entre janeiro e setembro, a temperatura média da superfície terrestre ficou cerca de 1,47°C acima dos níveis pré-industriais. O resultado está associado ao acúmulo de gases de efeito estufa na atmosfera e à influência de um forte fenômeno El Niño.

Os impactos da crise também atingem a saúde pública. O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, alertou que as mudanças climáticas favorecem surtos de doenças, interrompem serviços essenciais e colocam profissionais de saúde em risco. Ele defendeu investimentos em sistemas preparados para enfrentar os efeitos do aquecimento global. "Investir hoje em sistemas de saúde preparados para o clima salvará milhões de vidas amanhã", declarou.

Estagiária sob a supervisão de Marcelo Abreu

DEMÊNCIA CANINA

O sinal silencioso na caminhada do seu cão

» ISABELLA ALMEIDA

Uma pesquisa da Universidade Estadual da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, revela que o declínio cognitivo em cães está associado a uma passada mais curta, sobretudo nos membros anteriores. O estudo oferece uma visão mais completa de cães que estão desenvolvendo demência, permitindo potencialmente a detecção precoce e fornecendo mais um meio de monitorar a progressão da condição.

"Sabemos que, em humanos, alterações no comprimento da passada estão ligadas a comprometimento cognitivo e demência", disse Natasha Olby, professora de neurologia, titular da Cátedra em gerontologia na Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Estadual da Carolina do Norte e autora correspondente do estudo. "Essa relação não foi investigada em cães, então criamos este estudo para examinar o problema."

Para o trabalho, os cientistas recrutaram 88 cães geriátricos com idade média de 12 anos no estudo. Os animais foram avaliados a cada seis meses, sendo submetidos a exames físicos, neurológicos e ortopédicos, avaliações de mobilidade, testes de audição e coleta de sangue.

Durante o acompanhamento, os cães realizaram um teste cognitivo padronizado e os tutores tiveram que preencher diversos questionários a cada seis meses, incluindo a Escala de Demência Canina (Cades) e o Inventário Breve de Dor Canina (CBPI).

A velocidade da marcha foi avaliada por dois observadores treinados enquanto os cães caminhavam em uma passarela reta de cinco metros. O comprimento da passada foi medido para os membros anteriores (torácicos) e posteriores (pélvicos) e depois analisados.

Ao analisar os dados dos exames, testes e informações obtidas pelos questionários, os cientistas notaram que o declínio cognitivo relatado pelos donos estava associado a um menor comprimento da passada do membro torácico. Pontuações mais altas no Cades também foram associadas à diminuição no tamanho dos passos do animal.

De acordo com os resultados, um aumento de 10 pontos no Cades correspondeu a uma redução aproximada de 1,2% no comprimento da passada do membro torácico. Curiosamente, o tamanho dos passos do membro pélvico não apresentou correlação com as alterações cognitivas.

"Enquanto os membros torácicos desempenham um papel fundamental na frenagem e na estabilização postural, os membros pélvicos atuam, principalmente, como um motor de propulsão. O movimento dos membros torácicos provavelmente sofre maior influência cortical do que o dos membros pélvicos e pode ser mais sensível a alterações na percepção visual ou espacial do que o movimento dos membros pélvicos", disse Olby.

Imagem de wirestock no Magnific

O declínio cognitivo em cães está diretamente associado a uma passada mais curta

Funcionamento do cérebro

Segundo Luiz Felipe Cibin, médico veterinário do LeVet Hospital Veterinário de Curitiba, no Paraná, é comum o tutor notar que o animal anda mais devagar, parece mais inseguro ou menos disposto, mas isso normalmente é atribuído apenas à idade. "A pesquisa mostra que essas pequenas alterações na marcha podem ter relação também com o funcionamento do cérebro. Eu não acredito que isso vá mudar o diagnóstico de forma isolada, mas certamente nos faz prestar ainda mais atenção nesses detalhes durante a consulta. Muitas vezes, são pequenas mudanças que, somadas ao histórico e ao exame clínico, ajudam a levantar a suspeita mais cedo."

De acordo com o veterinário, observar a marcha já faz parte da consulta clínica. "Antes mesmo de colocar as mãos no paciente, nós avaliamos como ele entra na sala, como caminha, como sobe um degrau e como reage aos estímulos. O desafio é que o cão idoso pode alterar a forma de andar por vários motivos, como artrose, dor, problemas na coluna ou até perda de visão. Então, não dá para olhar apenas para a passada e concluir que existe um problema cognitivo. Acho que o maior valor desse estudo é mostrar que esse é mais um dado que pode ser acompanhado ao longo do tempo. Se o veterinário conhece aquele paciente há anos, consegue perceber mudanças sutis e juntar essas informações com o comportamento relatado pela família."

Os pesquisadores acrescentam que, embora essa característica, por si só, não seja suficiente para se tornar uma ferramenta de diagnóstico, é útil para criar uma visão mais ampla do estado cognitivo do cão. "Nossos resultados mostram que o declínio cognitivo tem um pequeno efeito no comprimento da passada, e isso pode servir como um indicador precoce de declínio funcional em cães idosos. Também pode servir como um marcador útil da trajetória geral de saúde de um cão quando monitorada ao longo do tempo", reforçou a autora correspondente do trabalho.